



Contra a sujeira: moradores resistem ao plano da Prefeitura de instalar uma usina de incineração e compostagem de lixo na região

Protesto em Perus congestionava estradas

EST. DASP 17/05/95

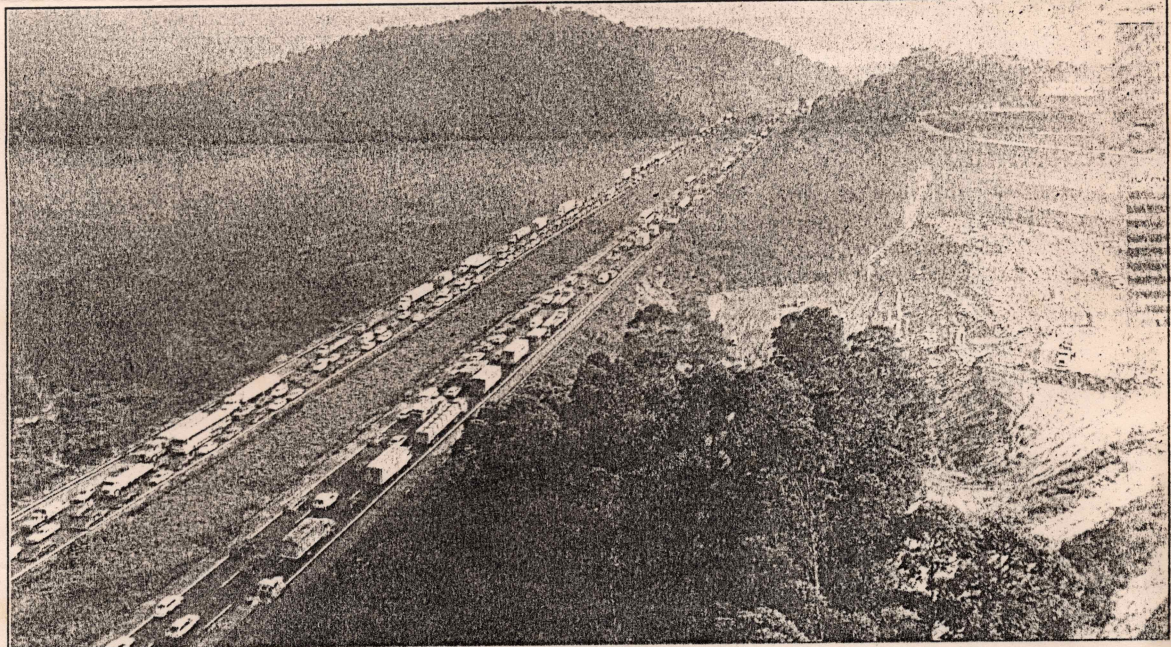
Manoel Luz/AE

Moradores bloquearam acessos ao bairro durante sete horas para exigir desativação de lixo

Durante sete horas, 5 mil moradores bloquearam ontem todos os acessos ao bairro de Perus, na Zona Oeste da Capital, para protestar contra a Prefeitura, que continua jogando lixo no aterro sanitário do bairro, já saturado. Os moradores também protestaram contra a intenção da Prefeitura de instalar na região uma usina de incineração e compostagem de lixo.

O comércio — formado por aproximadamente mil lojas, bares e padarias —, fechou as portas em solidariedade à manifestação organizada pelo movimento Perus Unido. “Só uns cinco bares abriram”, informou Odilon Gomes, um dos líderes do movimento. Os acessos ao bairro pelas Rodovias Anhangüera e Bandeirantes foram bloqueados com pneus e pedaços de madeira. O trânsito ficou interrompido e houve longos congestionamentos nas duas rodovias. Os motoristas também não puderam ingressar nas estradas Jaraguá—Perus e Perus-Campinas e no Viaduto Ulysses Guimarães, que passa sobre os trilhos da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos e da Rede Ferroviária Federal.

Na Rodovia dos Bandeirantes, formou-se um congestionamento de mais de cinco quilômetros, a partir do km 24 da pista Interior—Capital. Próximo ao local, onde 60 moradores interditavam a estrada, um caminhão, carregado de garrafas, tombou e espalhou a carga pela pista, agra-



Lixão de Perus (à dir.): manifestação provocou filas de 5 quilômetros na Rodovia dos Bandeirantes

vando o problema. Quase duas horas depois, a carga foi colocada no acostamento, permitindo a passagem de veículos por uma das faixas.

Os moradores passaram a madrugada confeccionando faixas e cartazes. Pouco depois das 5 horas, eles saíram de suas casas e iniciaram a caminhada até os acessos. Depois de bloquear as pistas, os manifestantes seguiram em passeata até Rua Moggi, onde se localiza o aterro sanitário. A manifestação foi encerrada às 12h30.

“Conversamos com o diretor da Limpurb, que se comprometeu a marcar uma audiência com o prefeito Paulo Maluf até o dia 26” disse

Gomes. Os moradores pretendem cobrar do prefeito o cumprimento de promessa feita durante a campanha eleitoral. “Quando era candidato a prefeito, Maluf veio aqui e prometeu acabar com o lixão, pois, segundo ele, era uma vergonha ter um aterro sanitário quase no centro do bairro”, completou.

Calamidade — Gomes disse que o aterro existe há 17 anos. “Ele tinha concessão para funcionar no local durante dez anos, mas o prazo foi sendo prorrogado pela Prefeitura até atingir uma situação de saturação e de calamidade”, queixou-se. “Além de ratos, baratas e mosquitos que in-

festam a região, o mau cheiro e o risco de doenças preocupam os moradores”, informou.

Segundo Gomes, cerca de 7 mil toneladas, o equivalente a 62% do lixo coletado em São Paulo, são jogadas no aterro todos os dias. “Isso corresponde ao volume transportado por 600 carretas”, comparou.

“Com essa quantidade de lixo, a área do aterro, que fica entre os Parques Anhangüera e do Jaraguá, aumenta cada vez mais, criando um problema ecológico não só para a região, mas para toda a cidade”, disse. “Antes era a fábrica de cimento que prejudicava a saúde dos moradores de Perus, agora é o lixão.”